

**III ENCONTRO INTERNACIONAL DE PESQUISA EM ENFERMAGEM**

Avanços no cuidado, gestão e política

29 a 31 de outubro de 2012

Centro de Convenções Rebouças | São Paulo - SP - Brasil

**A07.011 ATENÇÃO EM CONTRACEPCIÃO A MULHERES QUE PASSARAM POR UM ABORTAMENTO****Autores /** Ana Luiza Vilela Borges (Escola de Enfermagem da USP) ; Renata Luciria Monteiro (Escola de Enfermagem da USP) ; Elizabeth Fujimori (Escola de Enfermagem da USP)**Resumo / Resumee**

Introdução: O Ministério da Saúde enfatiza que o aconselhamento contraceptivo é um dos elementos constituintes da atenção ao abortamento. **Objetivos:** Caracterizar a atenção em contracepção oferecida às mulheres durante a hospitalização por abortamento e um mês após a alta. **Métodos:** Subprojeto de um estudo quantitativo longitudinal, no qual mulheres que passaram por abortamento em uma maternidade pública da cidade de São Paulo, em 2011, foram entrevistadas na internação e a cada 30 dias nos seis meses posteriores por contato telefônico. Este subprojeto restringe-se a apenas duas fases: Momento 0, durante a hospitalização ($n=170$) e Momento 1, 30 dias após ($n=146$). Não se questionou a respeito da etiologia do abortamento – se espontâneo ou induzido – mas foi utilizada a versão brasileira do London Measure of Unplanned Pregnancy para classificar as gestações que terminaram em abortamento em planejadas, ambíguas ou não planejadas. Os dados foram analisados por meio do Statistical Package for the Social Sciences 17.0. **Resultados:** As mulheres tinham em média, 29 anos de idade e 9,2 anos de escolaridade. Pouco mais da metade estava inserida no mercado de trabalho (59,4%). A maior parte, ou seja, 75,3%, vivia com parceiro. Incluindo a gravidez que finalizou em abortamento, as mulheres já haviam engravidado 2,8 vezes, em média. Para 75,3%, aquela era a primeira experiência de abortamento. Os resultados mostraram que 22,4% das entrevistadas não planejaram a gravidez; 48,2% eram ambíguas em relação ao planejamento e 29,4% de fato a planejaram. Um terço referiu ter recebido orientações sobre contracepção ainda na maternidade e apenas 8,9% delas receberam alta com um método contraceptivo prescrito. Um mês após a alta, 45,3% já haviam menstruado, 70,5% tiveram relações sexuais e 60,3% tomaram algum cuidado para não engravidar. Os métodos contraceptivos mais utilizados foram o preservativo masculino e a pílula oral, metade adquirida em farmácias privadas (56,8%) sem qualquer tipo de orientação de um profissional da saúde (61,4%). O perfil de planejamento da gravidez, a orientação em contracepção e a prescrição de um método ainda na maternidade não influenciaram o uso de métodos contraceptivos um mês após a alta hospitalar. **Conclusões:** A atenção em contracepção no período pós-abortamento foi inadequada. Os dados mostram claramente que há disposição destas mulheres em adotar medidas para evitar uma nova gravidez, independentemente de serem subsidiadas por profissionais de saúde. Muitas permaneceram em situação de vulnerabilidade contraceptiva, sendo que duas já suspeitavam estar grávidas um mês após o abortamento, contrariando todas as indicações de espaçamento do intervalo inter-gestacional.

Palavras-chave / Keyword: Abortamento; Contracepção; Saúde Sexual e Reprodutiva